



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

HAYDEE MARIA EUZEBIO

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA: DESAFIOS
PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**

Campina Grande
2015

HAYDEE MARIA EUZEBIO

**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA: DESAFIOS
PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Departamento de Educação da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências legais para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valdecy Margarida da Silva

Campina Grande
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

E91i Euzebio, Haydee Maria.

A importância da literatura infantil na sala de aula
[manuscrito] : desafios para a formação de leitores / Haydee Maria
Euzebio. - 2015.
31 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva,
Departamento de pedagogia".

1. Literatura infantil. 2. Contos de fadas. 3. Formação de
leitor. I. Título.

21. ed. CDD 028.5

HAYDEE MARIA EUZEBIO

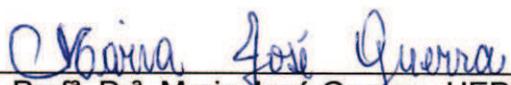
**A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA: desafios
para a formação de leitores**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Licenciatura em Pedagogia do
Departamento de Educação da
Universidade Estadual da Paraíba
em cumprimento às exigências
legais para obtenção do título de
Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 28 / 05 /2015

Banca Examinadora


Profª. Drª. Valdecy Margarida da Silva - UEPB
Orientadora


Profª. Drª. Maria José Guerra - UEPB
Examinadora


Profª. Drª. Paula Almeida de Castro - UEPB
Examinadora

SUMÁRIO

	RESUMO	4
1	INTRODUÇÃO	4
2	O ESPAÇO DA LITERATURA EM SALA DE AULA: ALGUMAS REFLEXÕES	6
2.1	A importância da literatura infantil nas séries iniciais do Ensino Fundamental	8
3	CONHECENDO A LITERATURA INFANTIL E SEUS CAMINHOS	12
4	A LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO EDUCACIONAL	18
4.1	Literatura infantil e formação do leitor	20
4.2	Adentrando ao universo mágico dos contos de fadas: possibilidades para o ensino	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	ABSTRACT	29
	REFERÊNCIAS	29

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES

Haydee Maria Euzebio¹

RESUMO

A presente pesquisa, que se configura como um estudo de caráter bibliográfico, objetiva discutir a importância da literatura infantil, especialmente os contos de fada, para a formação de leitores. Consideramos que a escola é um espaço privilegiado para o estudo da literatura e onde devem ser lançadas as bases para a formação do indivíduo e é nesse espaço que a leitura precisa ser privilegiada para estimular o exercício da criatividade e do senso crítico. Nesta pesquisa, baseados em estudos teóricos desenvolvidos por autores como Cosson (2010), Costa (2007), Coelho (2000) Maia (2007), dentre outros, problematizamos o espaço da literatura em sala de aula, discutimos a importância da literatura infantil nas séries iniciais do Ensino Fundamental, fizemos um pequeno panorama da literatura infantil desde suas origens até a atualidade, abordando a literatura infantil no contexto educacional, a literatura infantil e a formação do leitor e apresentamos os contos de fadas enquanto possibilidades para o ensino, de forma a destacar as suas contribuições para a formação do leitor e para a construção de valores éticos. Consideramos a literatura infantil, incluindo aqui os contos de fada, uma atividade necessária não só ao projeto educacional do indivíduo, mas, também, ao projeto existencial; pois, a leitura literária além de ser um ato que se realiza no âmbito da cognição, apresenta caráter social, histórico e político.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Contos de fadas. Formação de Leitores.

1 INTRODUÇÃO

Entendemos o ato de ler como um ato da consciência que não se exaure nele mesmo para resultar numa atividade que busca a compreensão do “ser” e “estar” no mundo. Nesse sentido “o ato de ler sustenta-se não só em bases psicológicas, mas também em bases históricas e filosóficas” (MAIA, 2007, p. 27).

Dessa forma, compreendemos que não há como dissociar educação e literatura, principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Imaginamos que é uma das funções da escola, em especial nos anos iniciais de escolarização, inserir a criança no mundo da leitura e imaginações, o que é possível com o trabalho com literatura, que possibilita o desenvolvimento social e psíquico do educando, bem como para a formação do leitor e de seus valores sociais/ideológicos.

¹ Concluinte do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba/UEPB.

Motivada por interesses pessoais, enquanto aluna de Pedagogia e enquanto aluna da Educação Básica, que não teve acesso a um trabalho efetivo com a literatura, defendo que é necessário que haja um incentivo escolar, tendo em vista que é na infância que a criança desenvolve a imaginação, as emoções e sentimentos, de forma prazerosa e significativa.

A literatura apresenta-se enquanto prática social, na medida em que possibilita a formação de uma nova mentalidade, pois, por meio da leitura literária, abre-se um vasto mundo de ideias configuradas e que podem ser reportadas para a vida real. Nesta perspectiva, o presente trabalho, que se configura como um estudo de caráter bibliográfico, objetiva discutir a importância da literatura infantil, especialmente os contos de fada, para a formação de leitores.

Embora muitos outros estudos já tenham aprofundado a referida temática, compreendemos a necessidade de se problematizar a formação do leitor na escola, especialmente na fase inicial de escolarização. Consideramos que é nessa fase que a criança passa a conhecer o livro, aprender a manuseá-lo e pode iniciar uma relação pessoal com a leitura literária, podendo estabelecer diversas relações com a obra literária, desde apreciação ao total desprezo. Por isso, o professor precisa atuar da melhor maneira possível para que o aluno passe a identificar-se com as leituras por ele realizadas.

Diante disso, destacamos que é de grande valia um estudo que se dedique a refletir sobre a importância de se iniciar a formação da educação básica por meio da literatura infantil, de modo que este ensino proporcione às crianças uma aprendizagem significativa, na formação de leitores e de valores ético-ideológicos tão necessários na fase da infância.

Para a realização deste estudo, tivemos como aportes teóricos estudiosos como Miguez (2009), Maia (2007), Cosson (2010), dentre outros, configurando nosso estudo como uma pesquisa de cunho bibliográfico.

O artigo está dividido em três tópicos. O primeiro é intitulado o espaço da literatura em sala de aula: algumas reflexões. O segundo trata da importância da literatura infantil nas séries iniciais do Ensino Fundamental. No terceiro tópico, intitulado conhecendo a literatura infantil e seus caminhos, realizamos um pequeno panorama da literatura infantil desde suas origens até a atualidade.

Ainda neste tópico, em forma de subtópicos, tratamos da literatura infantil no contexto educacional, a literatura infantil e formação do leitor e o universo mágico dos contos de fadas: possibilidades para o ensino, subtópico onde apresentamos os contos de fadas enquanto possibilidades para o ensino, de forma a destacar as suas contribuições para a formação do leitor e para a construção de valores éticos.

2 O ESPAÇO DA LITERATURA EM SALA DE AULA: ALGUMAS REFLEXÕES

A escola e a literatura infantil ocupam um espaço significativo na vida das crianças uma vez que é função da escola inseri-la no mundo da leitura, que é possibilitado por meio do contato com a literatura. Assim, destacamos que a escola, enquanto instituição social, e os professores, como agentes da leitura, são responsáveis por provocar o desenvolvimento do aluno enquanto leitor, seja pelo contato com muitos e variados textos, seja quanto ao formato da escrita literária, seja ainda, pelo compartilhamento e pela discussão de ideias com o uso da argumentação sólida e coerente (COSTA, 2007, p. 10).

A escolarização da literatura é algo histórico e por isso mesmo há a necessidade de se pensar e reivindicar um espaço especial para a discussão da literatura e do seu ensino. Segundo Cosson (2010, p. 55), antes de a literatura ser utilizada com a concepção que possui atualmente, “a literatura já era usada como matéria de formação, ensino e aprendizagem em diferentes culturas”.

O estudo do texto literário é marcante na educação. No Egito Antigo, a educação era baseada na prática do ditado e cópias de textos, em sua maioria, literários. Entre os gregos, os poemas homéricos, as tragédias e comédias possuíam um papel relevante na formação moral e política do homem. Ocorreu, portanto, a transformação do texto literário em tradição escolar. Como nos mostra Cosson (2010, p. 56), “durante muito tempo o espaço da literatura na sala de aula era o mesmo do ensino da leitura e da escrita e da formação cultural do aluno”. Tudo isso gerou o que se pode chamar de *elitização da literatura*, uma vez que como a educação era destinada a elite, o texto literário, por sua vez, seguia o mesmo percurso, sendo utilizado desde para alfabetizar até a fruição estética. Ainda conforme Cosson (2010, p. 56): “[...] a literatura na sala de aula era a matéria com a

qual se construíam os elos que formavam uma corrente entre escola, língua e sociedade - a própria essência da formação humanística”.

O desenvolvimento social e tecnológico possibilitou que a formação técnica se sobrepusesse a humanístico, modificando o espaço da literatura, pois os meios de informação e comunicação transformam todo o desenvolvimento da escola e, por consequência, a literatura. De acordo com Cosson (2010, p. 56), a tradição escolar do ensino de literatura não conseguiu acompanhar essas e outras mudanças “[...] o ensino cristalizou-se no uso supostamente didático do texto literário para ensinar uma gramática esterilizada [...]”. Vemos, pois, que há uma desvalorização da obra literária, que é estudada por meio de fragmentos, com análises reduzidas, com listas e fichas de leitura, memorização de datas, nomes representativos de estilos de época e escolas literárias, enfim, um estudo historiográfico e não literário.

Notamos um distanciamento entre a literatura e a prática de leitura que deveria ocorrer efetivamente em sala de aula, pois entra em cena o que Cosson (2010) denomina de “encurtamento da literatura em sala de aula”, o que desencadeou uma simplificação do estudo literário.

O estudo do texto literário nas práticas cotidianas de sala de aula é frisado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997) que recomendam a leitura de textos literários para promover um crescimento considerável na formação do leitor. Para os PCN's, o texto literário precisa ser visto como um incentivador do imaginário infantil, do lúdico e do prazer, além de permitir a reflexão e o desenvolvimento da sensibilidade e do senso crítico da criança leitora.

Desse modo, percebemos que a escola, por meio do ensino da leitura, pode contribuir no sentido de formar leitores competentes, convictos de seus valores ético-ideológicos e aptos para a construção da sociedade, na qual eles possam exercer sua cidadania. Para isso, é preciso que no ambiente escolar se propiciem leituras de textos literários agradáveis e encantadores aos olhos dos pequenos leitores, estimulando o seu imaginário e formando leitores competentes.

2.1 A importância da literatura infantil nas séries iniciais do Ensino Fundamental

Atentando para a literatura enquanto constructo da atividade humana e, por isso, passível de representar a realidade da sociedade onde está inserida, vemos a importância dessa expressão artística como um mecanismo que possibilita a compreensão da realidade com um olhar crítico e reflexivo, mecanismo esse que tem seu desenvolvimento iniciado desde o início da escolarização da criança.

Um ensino de literatura infantil desde as bases educacionais auxilia na construção do imaginário do alunado, bem como na formação de um cidadão com senso crítico do mundo que o cerca.

Nos anos iniciais de escolarização, é importante que a criança tenha contato com obras literárias, pois a leitura literária estimula a sua capacidade imaginativa e criativa e o gosto pela leitura desde cedo. Além disso, destacamos que a escola é um espaço privilegiado para o estudo da literatura e onde devem ser lançadas as bases para a formação do indivíduo e, é nesse espaço que a leitura precisa ser privilegiada para estimular o exercício da criatividade e do senso crítico.

Diante da necessidade que destacamos do contato com a literatura desde as séries iniciais de escolarização para a formação de leitores proficientes, torna-se fundamental atentarmos para a literatura infantil e juvenil, pois é diante de sua importância que se levantam inúmeras discussões.

É por meio da leitura, em especial a literária, que se dá o conhecimento da consciência de mundo ali presente que, segundo Coelho (2000, p. 51),

Assimilada pelo leitor ela começa a atuar em seu espírito (e conforme o caso a dinamizá-lo no sentido de certa transformação...). Mas, para que essa importante assimilação se cumpra, é necessário que a leitura consiga estabelecer uma relação essencial entre o sujeito que lê e o objeto que é lido. Só assim o conhecimento da obra se fará e sua leitura se transformará naquela espiritual [...].

Como vemos, é grande a importância dada à leitura, pois como destaca Miguez (2009, p. 17), “a leitura é um processo de percepção da realidade” bem como “um processo constante de descoberta de um sentido básico entre o sujeito leitor e o texto contemplado”.

Diante disso, torna-se cada vez mais indispensável uma nova postura e novas reflexões acerca do tratamento e do espaço dado à literatura, bem como o seu ensino, uma vez que como destaca Coelho (2000, p. 15):

A literatura, em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja nos espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo texto/leitor estimulado pela escola.

Assim, a literatura infantil aparece atrelada tanto à formação de leitores como a formação de cidadãos, pois possibilita aos seus leitores, uma visão crítica do mundo, uma vez que a obra literária permite, segundo Cademartori (apud MAIA, 2007, p. 47), “uma libertação do julgo do adulto”, apresentando-se também como um instrumento de formação e interpretação do real.

Colaborando com a discussão sobre a importância da literatura para a formação de leitores, Coelho (2000) destaca os estudos literários como estimuladores dos exercícios da mente e o ato de ler como um ato de aprendizagem. Por isso, a extrema necessidade da leitura literária nas séries iniciais de escolarização, para que se possa estimular o pequeno leitor a tornar-se um leitor proficiente.

Os textos literários são de suma importância para a criança, pois mexem com suas fantasias, emoções e intelecto, sendo apresentados a elas com uma estética atrativa e também por envolverem o lúdico, visto que é através das emoções, ludismo, imaginação e das fantasias que a criança apreende e entende a realidade onde está inserida. Sobre isso, Bordini (1985, p. 27-28) destaca:

Os textos literários adquirem, no cenário educacional, uma função única, singular: aliam à informação o prazer do jogo, envolvem razão e emoções numa atividade integrativa, conquistando o leitor por inteiro e não apenas na sua esfera cognitiva.

Destacamos, pois, que a literatura infantil pode ser considerada como um caminho que conduz a criança ao mundo da leitura de uma maneira lúdica. Mas, para que esse caminho de fato seja construído, a escola precisa proporcionar mecanismos que possibilitem um trabalho adequado com o texto literário em sala de aula.

Todavia, o que notamos comumente é uma escola que se torna alheia ao trabalho com literatura, onde esta não é apresentada à criança como algo belo e prazeroso, gerando a aversão que muitos alunos têm em relação ao estudo do texto literário.

Destacamos a grande importância da leitura para a formação de sujeitos pensantes, pois é por meio dela que podemos ler o mundo que nos rodeia, fazendo indagações e passando a compreender a nossa realidade. Assim, a atividade de leitura é, sobretudo, uma atividade de compreensão do mundo e por isso precisa ser bem pensada e bem direcionada quando se trata de leituras direcionadas à crianças. Frantz (2011, p. 53-60) aponta alguns aspectos que merecem destaque quando o assunto é leitura para crianças e para que essa leitura não se torne desagradável, é preciso evitar:

- a) Didatismo e pedagogismo: a leitura tem sido utilizada apenas como fins didático-pedagógicos;
- b) Moralismo: os livros infantis estão repletos de histórias que almejam unicamente a transmissão de normas de comportamento que levem a criança a ser da maneira como os adultos desejam.
- c) Adultocentrismo e paternalismo: o mundo adulto com todos os seus preconceitos e valores sobrepõem-se aos valores do mundo infantil, sufocando-os.
- d) Visão fechada de mundo: alguns autores apresentam a seus leitores infantis um mundo pronto, acabado, de valores absolutos e inquestionáveis.
- e) Infantilismo: há textos que parecem se destinar a um leitor que só entende a linguagem do “inho” e da “inha”, subestimando a criança, entendendo o ser infantil como um ser menor, inferior, ao qual se deve oferecer uma literatura igualmente inferior e de menor qualidade.

Notamos que são aspectos que merecem de fato grande atenção e cuidado ao se trabalhar em sala de aula, pois um mau direcionamento da leitura pode afastar a criança desse mundo de encantamentos e viagens que nos proporciona a atividade de leitura. A literatura infantil dada nos anos iniciais não pode deixar de privilegiar a poesia infantil, pois nos textos poéticos direcionados ao público infantil a valorização do lúdico está muito presente, o que atrai de maneira significativa as crianças.

Considerando a literatura infantil como a arte que usa a palavra como linguagem expressiva e, que como tal, deve ser trabalhada, destacamos que mais do que um modo de cognição, a literatura é um alimento para alma, um elemento importante para a formação da criança.

Isso nos faz pensar que qualquer ação pedagógica que envolva a literatura infantil está intimamente ligada à cultura infantil. Assim, ao se trabalhar com a literatura infantil em sala de aula, estamos lidando com as possibilidades concretas de interpretação e criação que cada criança é capaz de desenvolver.

Cabe à escola trabalhar a literatura infantil de modo a levá-la para as crianças como mais uma possibilidade de estudo, ampliando os seus repertórios, mostrando novidades, gêneros literários talvez desconhecidos, o que pode aguçar a curiosidade de cada aluno, levando-o a interessar-se pela literatura, bem como auxiliar na sua formação de leitor.

Assim, é importante que se atente para as peculiaridades do público infantil, pois,

A criança é criativa e precisa de matéria-prima sadia, e com beleza, para organizar seu “mundo mágico”, seu universo possível, onde ela é dona absoluta: constrói e destrói. Constrói e cria, realizando tudo o que ela deseja. A imaginação bem motivada é uma fonte de libertação, com riqueza. É uma forma de conquista de liberdade, que produzirá bons frutos, como a terra agreste, que se aduba e enriquece, produz frutos sazonados. (CARVALHO, 1989, p. 21)

Tendo em vista as peculiaridades do leitor infantil, destacamos que este requer uma linguagem simples e agradável, para que não se torne um texto medíocre. Lajolo (2008) sugere que a literatura infantil trabalhada na escola se aproxime da cultura da criança, para que esta tenha percepção e reconhecimento da linguagem que o texto utiliza. Destaca a autora:

Em outras palavras: leitor e texto precisam participar de uma mesma esfera de cultura. O que estou chamando de esfera de cultura inclui a língua e privilegia os vários usos daquela língua que, no correr do tempo, foram constituindo a tradição literária da comunidade (à qual o leitor pertence) falante daquela língua (na qual o poema foi escrito) (LAJOLO, 2008, p. 45).

Diante disso, destacamos a crescente circulação dos textos infantis em sala de aula. Apesar de ainda ser uma promoção do estudo da literatura com a intencionalidade voltada ao exercício didático e transferência de informação, a escola vem possibilitando o estudo do texto literário, mesmo que não seja de forma favorável.

A escola é o espaço de encontro entre criança e livro e, por isso, cabe a ela a responsabilidade de inserir a criança ao mundo da leitura e, principalmente, transformar os novos leitores em leitores permanentemente interessados e competentes.

Desse modo, compreendemos que a escola que objetiva a formação do leitor literário, deve ter como um de seus princípios o ensino da literatura “sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige.” (COSSON, 2010, p. 23). Para isso, torna-se inevitável pensar a qualidade do material literário oferecido aos alunos e a formação dos professores mediadores da leitura literária.

3 CONHECENDO A LITERATURA INFANTIL E SEUS CAMINHOS

Muitos pesquisadores defendem que só se pode falar em literatura infantil a partir do século XVII quando ocorreu a reorganização do ensino e da fundação do sistema educacional burguês. Segundo essa perspectiva da literatura infantil, não haveria propriamente uma infância no sentido que conhecemos. A criança era considerada como um adulto em miniatura, simplesmente um indivíduo que ainda não cresceu, sem levar em consideração suas peculiaridades. Por isso, não existiam livros, nem histórias dirigidas para crianças. Por essa linha de pensamento, as origens da literatura infantil estariam nos livros publicados a partir dessa época, pensados especialmente para crianças com intuito pedagógico e utilizados como instrumento de apoio ao ensino. Essa concepção de literatura infantil teve como consequência o didatismo e o conservadorismo, muitas vezes muito marcantes no estudo da literatura infantil em sala de aula.

No período medieval, provavelmente não havia assuntos especificamente para crianças, que participavam da vida comunitária, dos costumes sociais, do mundo dos adultos. Temas da vida adulta, como a luta pela sobrevivência, as preocupações, a sexualidade, a morte, a transgressão das regras sociais, o imaginário, as crenças, perpassavam a sociedade independentemente da faixa etária, o que aponta para a noção de que a criança ocupava o papel de um pequeno adulto, incapaz de realizar algumas atividades.

Vale lembrar que o período medieval estava marcado por um espírito sombrio, ligado a festas e marcado pelo fatalismo, pela crença no fantástico e em personificações de todo tipo, como num mundo onde a crença em fadas, anões, bruxas, castelos encantados, fontes da juventude, era disseminada entre crianças e adultos.

De acordo com Cademartori (2010), em meados dos anos de 1986, período em que escreveu a primeira edição de *O que é literatura infantil*, o gênero literário destinado às crianças começou a ser alvo de discussões e a ser valorizado pela comunidade acadêmica. Foi a mesma época em que o Ministério da Educação começou a distribuir livros para as crianças nas escolas do país; uma iniciativa pioneira que foi denominada de Programa Salas de Leitura e era desenvolvido pela Fundação de Assistência ao Estudante.

De acordo com Frantz (2011), a história da literatura infantil brasileira inicia-se com Monteiro Lobato, considerado o primeiro autor que escreve direcionado às crianças, histórias com qualidade literária e que em 1921, publica a obra que inaugura a literatura infantil brasileira, intitulada *A menina do narizinho arrebitado*. Antes desse escritor, a literatura destinada às crianças era a literatura europeia clássica, tradicional, traduzida ou adaptada para o idioma brasileiro.

Em se tratando da natureza da literatura infantil, Coelho (2000, p. 27) destaca que ela é, antes de tudo, literatura, ou seja, arte e deve ser compreendida como um fenômeno da criatividade do homem, que “funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização [...]”.

Tendo uma linguagem específica e única, representa a própria experiência do homem, a literatura é uma arte que não pode ser definida com exatidão, mas que deve ser vista a partir do contexto e da época em que ela está inserida. Assim, é preciso conhecer a época em que a literatura infantil é produzida, o que implica em conhecer os ideais e valores sobre os quais a sociedade está fundamentada.

Desse modo, em essência, a literatura infantil, conforme Coelho (2000), possui a mesma dimensão da que se destina aos adultos. As diferenças estão voltadas a sua recepção, ou seja, à natureza do leitor, que é a criança e, por isso, requer uma linguagem mais apropriada, mais próxima desse público leitor/ouvinte.

Tradicionalmente, ao pensarmos em literatura infantil nos vem a mente a ideia de belos livros, com gravuras, desenhos coloridos destinados apenas ao entretenimento e à distração das crianças. Um livro apenas para “olhar”. Por isso, por muito tempo a literatura infantil foi vista de forma preconceituosa e minimizada, tratada como uma literatura menor em termos de qualidade, um gênero abaixo dos demais.

Desde sua origem, essa literatura apresenta-se ligada à diversão e ao aprendizado das crianças e, por isso mesmo, precisaria de um material mais adequado ao seu público. Porém, como a criança era vista como um “adulto em miniatura”, os primeiros textos infantis eram adaptações de textos escritos aos adultos. Eram, assim, obras literárias reduzidas do seu valor intrínseco, mas que atingiam e atraíam os pequenos leitores. Desse modo, compreendemos que até pouco tempo essa literatura era tratada pela crítica como um gênero secundário, comparada ao brinquedo, o que endossa ainda mais a visão pormenorizada que se tem dessa literatura.

Conforme Coelho (2000), o caminho para a redescoberta da literatura infantil, no século XX, foi iniciado pela psicologia experimental, chamando a atenção para os diferentes estágios de desenvolvimento da inteligência, revelando que cada estágio representaria certa idade e que a sucessão dessas fases, que são evolutivas, é igual a todos. A partir desse conhecimento, a noção de “criança” sofre mudanças, o que é decisivo para a literatura destinada ao público infantil, pois a partir desse momento, a criança passa a ser compreendida enquanto tal e não mais como apenas um adulto que ainda não cresceu.

A valorização da literatura infantil como fenômeno significativo é uma conquista ainda recente, que foram necessárias várias mudanças no cenário literário. Especificamente na alteração de concepção de criança, entra em cena o ato de ler, onde o livro infantil precisa ser entendido como um canal de mensagem e a criança/leitor como aquele que vai adquirir a experiência do lido que se transforma no vivido. Assim, o ato de ler configura-se em ato de aprendizagem.

Notamos que as origens da literatura infantil está localizada em remotas expressões da literatura destinada aos adultos, mas que, conforme Coelho (2000), não é suficiente para explicar as diferentes formas que ela vem assumindo desde que, no século VXII, começou a ser escrita especificamente para crianças.

Diante disso, atentamos para as observações realizadas por Coelho (2000) sobre a natureza específica da literatura infantil, se ela pertenceria especificamente à arte literária ou à arte pedagógica. Trata-se de uma polêmica que tem origem na Antiguidade Clássica, desde quanto se discutia a natureza da própria literatura, onde também se tinha a dúvida entre a função da arte literária: instruir ou divertir?

Se voltarmos nossa atenção para a maioria das obras destinadas a crianças, notaremos que se situam nas duas áreas simultaneamente, o que implica que acima de tudo, ela modifica a consciência de mundo da criança, sendo assim arte, mas que também pode funcionar como instrumento manipulado com intenções educativas, se inscrevendo na área da pedagogia.

Há, pois, dois extremos, que, conforme Coelho (2000), são marcados por uma variedade enorme de tipos de literatura, em que as intenções de ensinar e divertir estão sempre presentes, mas as diferenças residem na predominância de cada um desses traços, que se apresentam “em doses diferentes”.

Desse modo, a designação de literatura infantil abarca uma gama de textos variados, que vão desde os contos de fadas, a fábulas, contos maravilhosos, passando por poesia e histórias do cotidiano. Assim, há de se considerar a opção do escritor por uma dessas áreas, decisão essa que está pautada na tendência predominante de sua época.

Trata-se, pois, de dois pólos que alguns estudiosos insistem em colocá-los em oposição, mas que na verdade, precisam ser entendidos como num jogo dialógico, natural do fenômeno literário. Compreende-se, pois que esse jogo dialógico de dois posicionamentos distintos resulta na “indissolubilidade que existe entre intenção artística e intenção educativa incorporada nas próprias raízes da literatura infantil” (COELHO, 2000, p. 48).

Mesmo atualmente, a confusão ainda permanece e, em geral, uma perspectiva predomina sobre a outra, decorrendo daí os equívocos de alguns pesquisadores, resultando, por vezes, em obras que ora se prendem a informações e deixam de lado a imaginação e fantasia da criança, ora são apresentadas apenas como um brinquedo, esvaziado de informações. São poucas as obras que

conseguem aliar as duas perspectivas proveitosamente, de modo a unir a diversão, o prazer e a emoção ao pensar, refletir e ver o mundo criticamente.

Outra questão sobre a natureza da literatura infantil que entra em cena e que também é estudada por Coelho (2000) diz respeito à validade das formas básicas dessa literatura: ela deveria ser realística ou fantasística para se adequar à criança?

Trata-se de um problema que também gera discussões na literatura como um todo, pois conforme a época, o contexto histórico, um desses aspectos vai predominar, o que não se dar por acaso, mas é resultante de uma série de causas interdependentes, como a intencionalidade criadora do autor, por exemplo. Assim, destacamos que não há como estabelecer qual dessas formas seria a melhor ou a pior, visto que são apenas visões diferentes e que “dependem das relações de conhecimento que se estabelecem entre os homens e o mundo em que ele vivem” (COELHO, 2000, p. 52).

Diante disso, cabe pensar a literatura infantil voltando a atenção para os fatores constituintes da matéria em que essa literatura é concretizada, mas intenções de se delimitar o que poderia ou não ser considerado como material para a literatura infantil mas, sobretudo, levantar reflexões sobre suas possibilidades.

Estão marcadamente na produção literária infantil três elementos que merecem atenção: a invenção, a palavra e o livro, que são estudados por Coelho (2000), mostrando que essa tripla conjugação deve ser compreendida de forma interrelacionada, levando-se em consideração a linguagem, a criação literária e o suporte físico. A matéria literária implica, para Coelho (2000, p. 66), na “invenção transformada em palavras. Esta é o corpo verbal que constitui a obra da literatura. As operações que intervêm na invenção literária, desde as ideias em germinação até a elaboração da matéria [...] são os recursos estruturais ou estilísticos, os processos de composição, etc.”

Conforme citado, na composição da matéria narrativa, entram dez fatores estruturantes, que são: o narrador, o foco narrativo, a história ou enredo, a efabulação que é trama da ação ou dos acontecimentos, o gênero narrativo, os personagens, o espaço, o tempo, a linguagem ou discurso narrativo e por fim o leitor. São fatores que devem ser levados em consideração ao se estudar a literatura infantil de modo que eles possam ser percebidos em correlação.

Ainda, conforme Coelho (2000), especificamente a literatura infanto-juvenil no século XX, que correspondente à fase inovadora pós-lobatiana (anos 60 e 70), é distribuída em duas grandes áreas: a do questionamento e a da representação, enquadradas como inovadoras e continuadoras, respectivamente. O que as diferencia é basicamente a intencionalidade que as move, ou seja, as primeiras buscam questionar o mundo, no intuito de estimular os pequenos leitores a transformá-lo e a segunda intenta representar o mundo ou denunciar, na intenção de aludir aos caminhos que devem ou não serem seguidos para a efetivação de uma vida mais plena e justa.

Ambas as perspectivas precisam ocupar espaço relevante nas salas de aula, pois cumprem papel de grande importância na formação das crianças, bem como no seu processo de evolução. “Evidentemente está implícito que o primeiro objetivo das obras, em qualquer dessas duas direções, é *dar prazer ao leitor*, diverti-lo, emocioná-lo ou comovê-lo com experiências estimulantes ou desafiantes” (COELHO, 2000, p. 150).

Desse modo, destacamos que o valor literário de cada livro não está simplesmente de ele pertencer a uma diretriz ou a outra, mas sim da “*coerência orgânica* entre visão de mundo que o alimenta e as soluções estilísticas/estruturais escolhidas pelo autor, tendo em vista o *momento em que escreve*” (COELHO, 2000, p. 151).

O que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, e que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso.

Contemporaneamente falando, a literatura infantil apresenta algumas tendências, como a retomada de temas e recursos antigos para fundi-los com novos processos. Assim, a efabulação tende a se iniciar de imediato com o motivo principal; a sequencia narrativa nem sempre é linear; os personagens-tipos reaparecem, como os reis, as princesas; o conto apresenta-se como forma narrativa dominante; a voz narradora mostra-se cada vez mais familiar e consciente da presença do leitor; retoma-se o ato de contar; o tempo é variável, assim como o espaço; o humor torna-se um dos aspectos mais característicos; o realismo se

alterna com a fantasia; desenvolve-se o apelo a visualidade e, por fim, a exemplaridade desaparece como intenção pedagógica, o que não impede, porém, uma significativa lição de vida.

Há ainda que se considerar as formas e os gêneros da literatura destinada à criança. Coelho (2000) destaca gênero como a expressão estética de determinada experiência humana de caráter universal, como a poesia, por exemplo, e os subgêneros como as formas básicas da ficção, como o conto, o romance, que sua vez se diversificam em diferentes categorias, dependendo da natureza do tema. Há, ainda, uma multiplicidade de formas narrativas que estão marcadamente presentes na literatura infantil, como a fábula, o apólogo. Assim, segundo Coelho (2000), a literatura infantil pertence ao gênero ficção, o qual abrange “toda e qualquer prosa narrativa literária”.

Notamos que a literatura destinada às crianças ocupa um lugar específico no gênero ficção, visto que se destina a um leitor específico e especial, a criança, um sujeito em formação, o que justifica seu caráter lúdico.

4 A LITERATURA INFANTIL NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Atentando para a literatura no contexto educacional, vemos que no Brasil, a literatura infantil e a escola sempre estiveram entrelaçados. A escola apresenta-se como um espaço privilegiado para lançar as bases para a formação do indivíduo (COELHO, 2000, p. 16) e, por isso, um espaço que precisa estar aberto a uma literatura que ao ser elaborada foi pensada especificamente na criança.

Coelho (2000) destaca que o trabalho com a literatura infantil em sala de aula é uma oportunidade para que os estudos literários sejam abordados como estimuladores dos exercícios da mente da própria criança, o que aponta mais uma vez para a importância de um trabalho específico com a literatura destinada ao público infantil.

Os livros infantis encontram na escola o espaço ideal para garantir atenção de seus leitores, mesmo que estes sejam utilizados como leitura obrigatória, com intenções informativas e pedagógicas.

Lajolo (2008) chama a atenção para a importância da literatura no currículo escolar, destacando:

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso, a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (LAJOLO, 2008, p. 106).

Vemos que o estudo da literatura infantil é apresentado como um auxílio, uma possibilidade para que o aluno aprenda, desde criança, a exercer sua cidadania, pois como aponta a autora, é por meio da linguagem literária que a criança aprende a expressar-se.

Consideramos a literatura enquanto arte e, como tal, deve ser apreciada e corresponder plenamente à intimidade da criança, pois é feita e pensada no público infantil, especificamente. Assim, a literatura infantil pode ser vista como um alimento adequado para os anseios da psique infantil. “A literatura não é, como tantos supõem, um passatempo. É uma nutrição.” (MEIRELES, 1984, p. 32).

Para Frantz (2011, p. 16), “a literatura infantil é também ludismo, é fantasia, é questionamento, e dessa forma consegue ajudar a encontrar respostas para as inúmeras indagações do mundo infantil, enriquecendo no leitor a capacidade de percepção das coisas.” Isso justifica a relevância do estudo do texto literário infantil em sala de aula.

Todavia, faz-se necessário ter em mente que se tratam de livros destinados às crianças, mas produzidos por adultos, geralmente, que em sua maioria intenta transmitir um ensinamento, uma regra, uma orientação, apossando-se da função pedagógica dessa literatura. Não cabe aqui pensar numa literatura infantil que seja escrita com uma linguagem simplória, considerando-a como literatura menor, com textos de qualidade reduzida subestimando a capacidade intelectual da criança.

Coelho (1987) destaca que literatura é arte, é um ato criativo que, por meio da palavra, cria um universo autônomo, realista ou fantástico, onde os seres, coisas, fatos, tempo e espaço, mesmo que se assemelhem ao que podemos reconhecer no

mundo concreto que nos cerca, ali transformado em linguagem, assumem uma dimensão diferente: pertencem ao universo da ficção.

Cunha (1974, p. 45) afirma que:

A Literatura Infantil influi e quer influir em todos os aspectos da educação do aluno. Assim, nas três áreas vitais do homem (atividade, inteligência e afetividade) em que a educação deve promover mudanças de comportamento, a Literatura Infantil tem meios de atuar.

Diante do que destacamos, percebemos que a literatura infantil tem importância fundamental em vários aspectos da educação das crianças, principalmente em relação à formação de alunos que gostam de ler, pois ela estimula-os à leitura através do atrativo e do belo que compõe os textos literários.

4.1 Literatura infantil e formação do leitor

A importância da compreensão da relação entre contos de fadas e formação de leitor pode ser compreendida na medida em que se observa que há uma espécie de pacto entre literatura infantil e leitor; pois, por meio do esquema narrativo do conto, o leitor infantil pode aprender a relacionar realidade e fantasia, levando em consideração o que está sendo contado e suas vivências cotidianas, uma vez que no momento da leitura, as palavras que o autor, o narrador, o contador de histórias utilizam não são as mesmas que o leitor/ouvinte utiliza em seu cotidiano para se comunicar. Isso faz com que o pequeno leitor tenha contato com novas palavras, novos termos, novas significações e acepções para vocábulos que ele poderia até mesmo já utilizar, mas não com a conotação que está no texto literário. Assim, abrem-se os horizontes de leitura do leitor iniciante.

O leitor infantil internaliza as noções implícitas dos textos literários, podendo constituir um horizonte de expectativas, sobre o qual o leitor infantil irá afrontar suas leituras, bem como expandir as habilidades perceptivas para outras formas literárias e artísticas. Assim, com a ajuda da fantasia e da imaginação, o pequeno leitor tem sua visão de mundo ampliada pela experiência das leituras.

A narrativa dos contos de fadas envolve o seu leitor numa atmosfera de fantasias, sonhos e imaginações. Sobre o assunto, Bettelheim (2002) argumenta que o conto, ao permitir que a fantasia instigue a imaginação da criança através dos acontecimentos e das ações dos personagens, estabelece um diálogo com o leitor/criança.

Um aspecto que destacamos nos contos de fadas é a presença do lúdico na leitura que poderia ser interpretado como um jogo, no qual a criança vivencia seus sentimentos e emoções através da fantasia, “as situações do mundo real nem sempre oportunizam a exploração dos sentimentos e o exame das reações, da mesma forma que a fantasia de uma situação lúdica” (MAGALHÃES, 1987, p. 27).

A leitura dos contos de fadas em sala de aula pode promover um progresso intelectual da criança, tendo em vista o fato que o leitor infantil pode participar do mundo ficcional, criando novas imagens para personagens previamente estereotipados das antigas narrativas, com leituras relacionadas às suas vivências. No entanto, como esclarece Machado (2002, p. 81), é fundamental que “o leitor localize as alusões feitas, identifique o contexto a que elas se referem e seja, então, capaz de perceber o que está fora de lugar na nova versão”, pois somente assim poderá desenvolver sua competência leitora.

Diante do que expomos e, partindo da necessidade de se conceber a leitura por meio da experiência prévia dos alunos, entendemos o ato de ler como um “ato da consciência que não se exaure nele mesmo para resultar numa atividade que busca a compreensão do “ser” e “estar” no mundo. Nesse sentido, o ato de ler sustenta-se não só em bases psicológicas, mas também em bases históricas e filosóficas.” (MAIA, 2007, p. 27).

Para Silva (apud MAIA, 2007, p. 28), “ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo”.

De acordo com Geraldi (1996), a leitura deve ser concebida do ponto de vista das práticas sociais, pois o ato de ler configura-se como um ato de interação e interlocução, num processo de construção de significados e sentidos. Para o autor:

Aprender a ler é, assim, ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas que jamais encontraremos frente a frente, e por interagirmos com elas, sermos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as gentes e suas relações. Isto é ler (GERALDI, 1996, p. 70).

A leitura precisa estar presente no cotidiano escolar do aluno, de forma a contribuir para a sua vida, de forma especial a leitura literária que não deve ser associada apenas à fruição, como já destacamos anteriormente, mas também aos aspectos relacionados ao ensino, pois se trata de uma atividade primordial ao projeto educacional do indivíduo e da sociedade.

Conforme Maia (2007), o atrelamento da leitura à escola pode gerar um ar negativo, voltado para a noção de obrigatoriedade, dificultando a relação entre texto e leitor em formação. Por isso, é necessário tratar o texto literário da melhor maneira possível dentro dos limites da sala de aula e do contexto educacional.

Como Solé (1998), percebemos a leitura enquanto processo, destacando as estratégias de leitura que são as ferramentas necessárias para o desenvolvimento. Assim, concebemos a leitura como um percurso que serve de preparação para a formação de um leitor competente e adotamos o que defende Maia (2007, p 77) ao afirmar que “no processo de interação com o livro de literatura, mesmo ainda não decifrando o código escrito, a criança constrói significados a partir de um referencial que lhe é muito particular: a própria experiência”.

Nesse sentido, frisamos a necessidade do ensino de literatura desde os anos iniciais como forma de inserir a criança no mundo da leitura e nos imaginários literários, compreendendo a formação de leitores como um processo lento que necessita de muita atenção e bom trato com o texto e, por isso, precisa ser iniciado desde os primeiros anos de escolarização da criança.

4.2 Adentrando ao universo mágico dos contos de fadas: possibilidades para o ensino

Os contos de fadas são considerados um universo amplo e complexo, fazendo parte do folclore de vários povos, do universo da imaginação, da sabedoria popular, além de possuírem conteúdos que são essenciais da própria condição

humana, devido ao seu vínculo com a oralidade, mas também sua relação com a escrita.

É problemático tentar precisar a origem dos contos de fadas. De acordo com Coelho (1987), os primeiros registros dos contos de fadas datam de 4.000 a.C., feitos pelos egípcios, com o "Livro do Mágico". Em seguida, apareceram na Índia, Palestina, Grécia Clássica, sendo divulgada efetivamente pelo Império Romano, focando a atenção nas histórias mágicas do Oriente para o Ocidente.

O registro do material dos contos de fadas iniciou-se no século VII. As fadas surgem no século IX, no livro de escrita galesa denominado *Mabinogion*. No século XII, o Romance de Brut de Wacere tomam as aventuras lendárias do Rei Arthur e seus cavaleiros, mesmo período em que Os *Lais* de Marie de France, poema narrativo ou lírico, que continha temas das novelas de cavalaria do ciclo do rei Arthur, divulgam a cultura céltico-bretã pela Europa (COELHO, 1987).

Na Era Clássica, os contos, que tinham um profundo sentido de verdade humana, foram perdendo seu verdadeiro significado e, como simples "envoltório" colorido e estranho, transformaram-se nos contos maravilhosos infantis (COELHO, 1987, p. 15).

Segundo o autor acima, no início, os contos de fadas não eram uma literatura para crianças, mas uma literatura destinada ao público geral. Foi com Perrault, na França, no século XVII, que se iniciou uma transformação desse cenário; com os irmãos Grimm no século XVIII, na Alemanha; com Andersen no século XIX, na Dinamarca; e com Walt Disney no século XX, na América. Porém, há estudiosos que defendem que a transformação dos contos de fadas em literatura infantil ocorreu apenas no século XIX, nos países de língua inglesa, por meio do trabalho de vendedores ambulantes, que viajavam pelos povoados vendendo pequenos volumes de uma forma acessível, com textos sobre as histórias simplificadas do folclore e fácil leitura.

A literatura de Charles Perrault, de início, não era voltada para crianças, mas com adaptações, traz sua intenção de escrever para elas, principalmente orientando-as moralmente. Os irmãos Grimm colecionavam histórias recolhidas da tradição oral, esperando caracterizar o que havia de mais típico no espírito alemão.

Andersen foi bastante influenciado pela mãe em suas tradições orais. Geralmente, nas adaptações de Andersen, os contos de fadas clássicos aparecem

distorcidos de sua forma original. Muitas adaptações subtraem passagens consideradas importantes, no intuito de não assustar ou chocar as crianças (COELHO, 1987).

Foi com o estruturalista russo e um dos expoentes da narratologia, Vladimir Propp, que se deu um dos primeiros estudos científicos relevantes dos contos, em 1920, onde se propunha analisar estruturalmente narrativas dos contos populares da época, chegando a conclusão de que todas as histórias tinham a mesma sequência de ações ou funções narrativas (COELHO, 1987).

Segundo Coelho (1987), Propp é tido como um dos grandes estudiosos da literatura infantil, pois formulou uma estrutura básica para os contos de fadas, envolvendo início, ruptura, confronto e superação de obstáculos e perigos, restauração e desfecho.

Inicialmente, o conto de fadas caracteriza-se pelo aparecimento do herói ou da heroína e do problema que vai desestabilizar a paz inicial. Em seguida, vem a ruptura, quando o herói precisa enfrentar o desconhecido; o confronto e a superação de obstáculos e perigos, quando o herói busca soluções fantasiosas vêm em seguida e, após aparece a restauração, quando se inicia o processo da descoberta do novo, das potencialidades e das polaridades; por fim, tem-se o desfecho, que implica no retorno à realidade, com união dos opostos, iniciando o processo de crescimento e desenvolvimento (COELHO, 1987).

Os contos de fadas, de acordo com Coelho (1987), são chamados de *contes de fées*, na França; *fair tale*, na Inglaterra; *cuento de hadas*, na Espanha; e *raccontodi fata*, na Itália. Em Portugal e no Brasil, no final do século XIX, foram denominados contos da carochinha.

Ainda segundo esse estudioso, os contos de fadas são de origem celta, na qual a etimologia da palavra fada vem do latim *fatum*, que significa destino, fatalidade. A autora caracteriza o conto de fadas da seguinte forma:

[...] com ou sem a presença de fadas (mas sempre com o maravilhoso), seus argumentos desenvolvem-se dentro da magia feérica (reis, rainhas, príncipes, princesas, fadas, gênios, bruxas, gigantes, anões, objetos mágicos, metamorfoses, tempo e espaço fora da realidade conhecida etc.) e têm como eixo gerador uma problemática existencial. Ou melhor, têm como núcleo problemático à realização essencial do herói ou da heroína, realização que, via de regra, está visceralmente ligado à união homem mulher (COELHO, 1987, p. 14).

As fadas são seres fantásticos ou imaginários do folclore ocidental e das Américas, na forma de belas mulheres, de poderes sobrenaturais e virtudes, interferindo e auxiliando o homem onde há a impossibilidade de uma solução natural, humana (COELHO, 1987). A autora também define os contos maravilhosos, como:

[...] narrativas sem a presença de fadas, via de regra se desenvolvem no cotidiano mágico (animais falantes, tempo e espaço reconhecíveis ou familiares, objetos mágicos, gênios, duendes etc.) e têm como eixo gerador uma problemática social (ou ligada à vida prática concreta). Ou melhor, trata-se sempre do desejo de auto-realização do herói (ou anti-herói) no âmbito socioeconômico, através da conquista de bens, riquezas, poder material etc. Geralmente, a miséria ou a necessidade de sobrevivência física é o ponto de partida para as aventuras da busca. Eles se originam das narrativas orientais, e enfatizam a parte material/sensorial/ética do ser humano: suas necessidades básicas (estômago, sexo, vontade de poder), suas paixões do corpo (COELHO, 1987, p. 13).

Os contos de fadas configuravam-se enquanto relatos de fatos da vida dos camponeses, marcadas por conflitos e aventuras, que apenas serviam como entretenimento. Tempos depois, com a ideia de que as fadas eram a idealização de uma mulher perfeita, dotada de poderes sobrenaturais, vê-se a necessidade de utilizar tais histórias voltadas à educação, no intuito de instruir, dar exemplos, como forma de ensinamento.

Nesse sentido, os contos de fadas caracterizam-se pela presença do elemento "Fada". Etimologicamente a palavra fada vem do latim "Fatum" (destino, fatalidade, oráculo).

Comprova-se que as fadas tiveram origem comum em função do próprio termo que as designa: "fada". Sua primeira menção documentada em textos novelescos foi em língua latina: fata (oráculo, predição), derivada de fatum (destino, fatalidade). Nas línguas modernas: fada (português); fata (italiano); fée (francês); fairy (inglês); feen (alemão) e hada (espanhol) (COELHO, 2000, p. 78).

Mais adiante, Coelho (2000, p. 79) destaca:

Não há dúvida que, em sua origem, as fadas estavam ligadas a cultos ou ritos religiosos. Em grande número de contos irlandeses (de origem celta), a heroína (sempre um ser sobrenatural) aparece como mensageira de Outro Mundo ou surge sob forma de um pássaro (em geral, cisne), que está ligado ao mistério da morte.

Vemos as fadas como formas simbólicas que, juntamente com outros seres míticos, marcam presença nas literaturas infantis. Algo marcante na formação dessa literatura é a presença da religiosidade, da relação entre o campo religioso e o cotidiano das pessoas.

Segundo Bettelheim (2002, p. 17), “a forma simbólica sob a qual são apresentadas as situações permite ao ouvinte, ou ao leitor, sentir-se implicado, não deixando por isso de manter as suas distâncias.” Assim, vemos que se centra a atenção para as formas simbólicas apresentadas à criança, pois por meio da observação dos personagens, a criança adentra ao universo literário e passa a se identificar com esses personagens, passando a compreender o mundo aos olhos da leitura que realizou ou das histórias que escutou. Desse modo, é importante que o professor esteja atento em relação aos textos trabalhados em sala de aula, visto que o aluno por, ou não, identificar-se com personagens que representam o mal, que vivem à margem da sociedade por situações várias, possam fazer uma leitura crítica dessas histórias e possam analisar o comportamento desses personagens.

Destacamos que, por isso, os contos de fadas são ótimas opções para se trabalhar em sala de aula nos anos iniciais, pois são textos mais facilmente apreensíveis pela criança, graças à sua estrutura e aos seus temas e aos seus recursos estilísticos, como a sua linguagem metafórica, que permite à criança projetar-se em diferentes personagens e situações, como destacamos.

Além disso, destacamos que as histórias dos contos de fadas têm a capacidade de prender a atenção das crianças, fazendo com que elas acompanhem os fatos ocorridos, levando suas dúvidas, seus questionamentos que são próprios do universo infantil. É, pois, um estímulo à criança, que a auxiliará para exercitar a relação de causa e efeito, que faz parte do seu desenvolvimento.

Destacamos, também, que a narrativa pode exercitar a memória da criança, pois as maldades feitas pela rainha má, por exemplo, serão lembradas. Por interessar-se na história, a criança gravará elementos e detalhes que sabe que lhe trará satisfação em outra parte da história.

A leitura dos contos de fadas em sala de aula pode auxiliar, também, na comunicação da criança que, também aprende a transformar o mundo real em função de seus desejos e fantasias. Além disso, destacamos que a fantasia pode servir como referencial para a criança que aplica à sua realidade. Os contos de fadas

propiciam, ainda, através da oralidade, uma maneira saudável de brincar com o mundo real, fictício e o mundo da leitura.

Desse modo, destacamos que o conto de fadas promove o desenvolvimento da criança, fazendo-a compreender as relações sociais que perpassam seu cotidiano, despertando o senso crítico e levando-a a refletir sobre o certo e o errado, por exemplo, ao pensar em atitudes de seu dia a dia. Promove, também, o desenvolvimento da leitura na criança que se tornará um leitor ativo e participativo em tudo o que lê.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do nosso trabalho procuramos refletir sobre a importância do ensino de literatura infantil desde os anos iniciais da escolarização da criança, centrando a atenção para os contos de fadas, de forma a destacá-los como importantes para a formação de leitores competentes, bem como para a construção de valores ético-ideológicos necessários à formação e ao desenvolvimento da criança.

Notamos que através da literatura, em especial a leitura dos contos de fadas, em sala de aula, pode-se contribuir para a formação de leitores. Verificamos que nos anos iniciais é importantíssimo que a criança tenha contato com obras literárias para que construa uma compreensão maior de si, do seu contexto, como é possível fazer por meio do estudo dos contos de fadas, uma vez que a leitura literária estimula a sua capacidade imaginativa e criativa e o gosto pela leitura que precisa ser desenvolvido desde cedo.

Destacamos, pois, a necessidade de uma abordagem interacionista da leitura, em especial dos contos de fadas, de forma a levar em consideração a relação texto/leitor/contexto. Além disso, um estudo do texto literário em sala de aula pode contribuir para que a literatura não perca seu encantamento no imaginário do leitor infantil.

Em relação aos estudos dos contos de fadas, verificamos que uma de suas várias funções é a possibilidade de colocar o aluno em contato com conceitos formadores de caráter, uma vez que seus valores são vários, isto porque por meio da leitura desses textos, pode-se trabalhar com valores ético-ideológicos, como o

respeito, a bondade, a justiça, a amizade, as diferenças sociais, contribuindo para a formação moral da criança.

O estudo dos contos em sala de aula permite que a criança não se envolva apenas no aspecto emocional, mas, sobretudo, cognitivamente, pois tem o seu pensamento estimulado por meio da leitura. Para tanto, o ambiente escolar deve estimular a imaginação da criança através de leituras literárias agradáveis e que chame a atenção e trabalhar a literatura desde o início da escolarização da criança e não apenas nos últimos anos da educação básica, uma vez que a literatura auxilia na construção do imaginário do alunado, bem como na formação de um cidadão com senso crítico do mundo que o cerca.

Nesse sentido, compreendemos a literatura infantil como uma atividade necessária não só ao projeto educacional do indivíduo, mas, também, ao projeto existencial; pois, a leitura literária além de ser um ato que se realiza no âmbito da cognição, apresenta caráter social, histórico e político, que são perceptíveis nos contos de fadas.

Em vista de nossas reflexões, podemos destacar a importância da leitura de contos de fadas, pois estes propiciam um trabalho de educação literária desde os primeiros anos de escola da criança, por meio de elementos literários que cativam a criança, como a fantasia e os elementos maravilhosos. Desse modo, compreendemos que os contos de fadas, independentemente de ser tradicional ou renovador, não podem ser compreendidos tão somente como histórias de entretenimento e diversão, pois são obras literárias de relevante valor, que podem suprir com necessidades de fantasiar, de imaginar e refletir inerente à própria criança.

Assim sendo, o trabalho com a literatura infantil, em especial de contos de fadas, além de ser de grande importância para a inserção social da criança, pode também ser uma das formas de potencializar as suas aprendizagens. Diante disso, concluímos que é fundamental desenvolver na escola experiências planejadas de inserção das crianças com a literatura infantil, pois essa literatura pode ocupar diferentes espaços sociais, envolvendo diferentes interlocutores, os quais estão cotidianamente em sala de aula.

LITERATURE THE IMPORTANCE OF CHILD IN THE CLASSROOM: CHALLENGES FOR THE READER TRAINING

ABSTRACT

This research, which is configured as a bibliographical study aims to discuss the importance of children's literature, especially fairy tales, for the formation of readers. We believe that the school is a privileged space for the study of literature and where the basis for the formation of the individual must be released and it is in this space that reading needs to be privileged to stimulate the exercise of creativity and critical thinking. In this research, based on theoretical studies by authors like Cosson (2010), Costa (2007), Rabbit (2000) Maia (2007), Silva (2009), among others, we question the literature space in the classroom, discuss the importance of children's literature in the early grades of elementary school, we did a little overview of children's literature from its origins to the present, addressing children's literature in the educational context, children's literature and the reader's training and present the fairy tales as possibilities for teaching in order to highlight their contributions to the player's training and to build ethical values. We consider children's literature, including here fairy tales, a necessary activity not only to the individual educational project, but also the existential project; therefore, the literary reading in addition to being an act that takes place in the context of cognition, presents social, historical and political.

Keywords: Children's Literature. Fairy tales. Readers formation.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BORDINI, M. G. Literatura na escola de 1º e 2º graus: por um ensino não alienante. **Perspectiva**, Revista do CED. Florianópolis, ano 2, n. 4, p. 27-46, 1985.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais Primeiro e Segundo Ciclos do Ensino Fundamental**: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CARVALHO, B. V. de. **A literatura infantil**: visão histórica e crítica 6. ed. São Paulo: Global, 1989.

COELHO, N. N. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, N. N. **O conto de fadas**. São Paulo, Ática: 1987 (Série Princípios).

- COSSON, R. O espaço da literatura na sala de aula. In: PAIVA, A.; COSSON, R. (Org.). **Literatura: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. (Coleção Explorando o Ensino).
- COSTA, M. M. **Metodologia do ensino da literatura infantil**. Curitiba: IBPEX, 2007.
- CUNHA, M. A. A. **Como ensinar Literatura Infantil**. 3. ed. São Paulo: Discubra, 1974.
- FRANTZ, M. H. Z. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas: Mercado da Letras, 1996.
- LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- MACHADO, A. M. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- MAGALHÃES, L. C. Jogo e iniciação literária. In: ZILBERMAN, R.; MAGALHÃES, L. C. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 25-40.
- MAIA, J. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.
- MEIRELES, C. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MIGUEZ, F. **Nas Arte-manhas do imaginário infantil: o lugar da literatura na sala de aula**. Rio de Janeiro: Singular, 2009.
- SILVA, V. M. T. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura**. Goiânia: Cânone Editorial, 2009.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artes médicas, 1998.